

Os temas trabalho e juventude vêm sendo discutidos no âmbito nacional e internacional. No entanto, a relação do jovem com o trabalho, o modo como se constitui sujeito trabalhador, carece de estudos mais aprofundados, no sentido de se pensar em como se relaciona com essa experiência, como se insere neste campo, enquanto sujeito de direitos e de deveres sociais, previstos em estatutos, programas, políticas públicas, elementos que compõem práticas discursivas, constituindo, assim modos de ser jovem. Pretendeu-se nesta pesquisa analisar como os jovens, sujeitos com trajetórias singulares, experimentam o trabalho a partir do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) na modalidade ProJovem Urbano. Algumas das questões norteadoras são: como os jovens que passam pelo ProJovem Urbano em Porto Alegre têm experimentado o campo do trabalho – formal e/ou informal? Que jovem trabalhador é enunciado nos discursos que compõem as práticas do ProJovem? Para refletir sobre essas questões a presente pesquisa utiliza a análise discursiva partindo do referencial foucaultiano, pondo em relação enunciados de documentos oficiais do ProJovem, do Estatuto da Juventude, do Plano Nacional da Juventude, de entrevistas com jovens já formados e alguns ex-professores do programa. Nossa leitura até o presente momento é a de que o trabalho aparece como uma possibilidade de gerir a própria vida, passando a ser constitutivo da autonomia, mesmo quando as experiências se dão na informalidade. Por outro lado, há um discurso que exalta o esforço próprio e tanto os jovens quanto os educadores (re)produzem a ideia de culpabilização dos primeiros pelo fracasso ou pelo sucesso profissional, mesmo diante das poucas e/ou precárias oportunidades de emprego oferecidas ao jovem.